



Ilha de Villegagnon, 1897 – João Batista Castagneto (Giovanni Battista)

A SAGRAÇÃO DA(S) ILHA(S)

“E por que nos seduz a ilha?”
Carlos Drummond de Andrade

Prof^ª Dr^ª Maria Helena Mendonça¹

No início do ano letivo da Escola Naval, os professores de Língua Portuguesa, invariavelmente, propõem aos Aspirantes do primeiro ano, recém-saídos do período de adaptação, que escrevam um texto relatando o ingresso nesta Escola, na qual seguirão, por quatro anos, uma extraordinária rotina acadêmica, e comentando as expectativas quanto à carreira militar-naval.

Apresentados à história da pequena ilha, passando por suas diferentes denominações – Seregipe, Palmeiras, Henrique II e, finalmente, Villegagnon –, os Aspirantes também tomam conhecimento das sucessivas invasões francesas, as quais destacaram a vulnerabilidade da ilha e, conseqüentemente, a necessidade de intervenções em seu terreno original para a construção de uma fortaleza – Nossa Senhora da Conceição de Villegagnon –, garantindo, assim, a defesa e a segurança da cidade do Rio de Janeiro, até que o local se tornasse um espaço privilegiado “... com a nobre missão

de ostentar a mais antiga instituição de ensino superior do Brasil”. (GUIMARÃES, 2005:17)

É muito comum, então, encontrar nos textos dos alunos expressões laudatórias não apenas à profissão escolhida, como também à honra de “adentrar os portões deste **solo sagrado** da ilha de Villegagnon”. (grifo nosso)

Tanto entusiasmo nos traz à memória aquele menino que cresceu ouvindo do avô, “velho marinheiro”, a assustadora, mas não menos instigante história de *A Ilha do Tesouro* (1883), de Robert Louis Stevenson, célebre escritor escocês, que ao conjugar suspense e aventura, em seu clássico romance infanto-juvenil, despertou em jovens leitores do mundo inteiro (e naqueles não tão jovens assim...) a mesma curiosidade e o mesmo espírito intrépido do menino Jim Hawkins, o qual, “[...] cheio de sonhos marítimos e de encantadoras antevisões de aventuras e ilhas estranhas [...]”, dispõe-se a partir em busca de uma ilha, de um tesouro e, inevitavelmente, da maturidade. Tudo isso, é importante ressaltar, longe da proteção amorosa da família e junto à tripulação

¹ Doutora em Literatura Brasileira pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).



misteriosa de uma embarcação imprevisível.

São compreensíveis, e particularmente familiares aos professores e instrutores da Escola Naval, as primeiras impressões que assinalam as expectativas do jovem Jim, no momento em que se apronta para “adentrar” o

até então desconhecido espaço marítimo, como relata esse personagem-narrador:

[...] Embora tivesse sempre vivido no litoral, parecia que eu nunca ficara tão perto do mar. O cheiro do alcatrão e do sal era algo novo. Eu via as mais maravilhosas figuras de proa que já atravessaram os oceanos. Vi, além disso, muitos velhos marinheiros, com brincos nas orelhas, e costeletas enroladas em anéis, e rabichos cheios de piche, com sua ginga petulante; e, se tivesse visto uma porção igual de reis ou arcebispos, não estaria mais encantado.

E depois eu próprio ia partir para o mar; para o mar numa escuna, com um contramestre que tocava gaita, e marinheiros de rabicho que cantavam; para o mar, no rumo de uma ilha desconhecida e em busca de tesouros enterrados! [...]. (STEVENSON, 1997:60)

Sob outro ponto de vista, a referência à Ilha de Villegagnon a partir do epíteto “solo sagrado” revela, ainda, que subjaz no espírito desses jovens “iniciados” – os Aspirantes –, consciente ou inconscientemente, entre tantas lendas e histórias, a concepção mítica e o valor sacral das ilhas, um dos mitos fundamentais da humanidade, sobre as quais o poeta grego Hesíodo (750 a 650 a.C.) destacou:

[...] é lá que eles moram, com o coração livre de cuidados, nas ilhas dos Bem-Aventurados, à borda dos turbilhões profundos do oceano, heróis afortunados para os quais o solo fecundo produz, três

vezes por ano, delicadas e fluorescentes colheitas [...]. (grifo nosso) (CHEVALIER, 1993:501-502)

Ora, sabemos que os temas fundamentais da literatura apenas refletem os temas de nossos próprios sonhos e desejos, por isso entende-se que o ser humano, em sua inalienável criatividade, elabore “ilhas metafísicas”, nas quais espera encontrar, conforme exemplifica Cecília Meireles, alguns habitantes da “Ilha do Nanja” - “[...] uma ilha que não se vê no mapa, mas que descansa tranquilamente no meio do oceano, do vasto oceano das solidões.”. Segundo a poetisa, as pessoas dessa obscura ilha têm a certeza do Bem, da Justiça e do Amor, uma vez que elas “acreditam nessas palavras que antigamente se denominavam ‘substantivos próprios’ e se escreviam com letras maiúsculas. Lá elas continuam a ser denominadas e escritas assim.” (MEIRELES, 1976: 108-109). (E lembremo-nos de que os habitantes de Villegagnon também procuram preservar, cultivar e vivenciar, durante sua formação, entre tantos valores, o sentimento de **Honra** voltado para a prática do Bem, da Justiça e da Moral; uma série de palavras, enfim, igualmente escritas com letras



maiúsculas...).

Já nas “divagações” de Carlos Drummond de Andrade, destacam-se outros motivos para se “ir às ilhas”: “São motivos éticos, tão respeitáveis quanto os que impelem à ação o temperamento sófrego.” Para o poeta mineiro, falando como um homem mais maduro e cansado, mas que tenta refletir sobre questões relativas à **abnegação** e ao **espírito de sacrifício** (grifo nosso), “nossa vida interior tende à inércia”, por isso é sempre bem-vinda “a provocação que lhe avive a sensibilidade”, afinal, “o progresso nos dá tanta coisa, que não nos sobra nada nem para pedir nem para desejar nem para jogar fora. Tudo é inútil e atravancador. A ilha sugere uma negação disto.” (ANDRADE, 1983: 964-967).

Ainda mais surpreendente é a história de José Sarago sobre o homem que não se resigna com a ideia de que todas as ilhas do mapa já foram encontradas, todas já são conhecidas, por isso, ele bate à porta do

rei a pedir-lhe um barco “Para ir à procura da ilha desconhecida...”. Dificilmente se encontrará uma referência tão original à ideia da simbiose semântica entre uma ilha e um navio como neste conto do escritor português, no qual, depois de tantas peripécias, abandonado por uma descrente tripulação, “o homem que recebeu um barco” testemunha, sereno e confiante, a transformação poética da matéria de seu navio:

[...] haviam-se rompido e derramado os sacos de terra, de modo que a coberta era toda ela como um campo lavrado e semeado, só falta um pouco mais de chuva para que seja um bom ano agrícola. [...] As raízes das árvores já estão penetrando no cavername, não tarda que essas velas içadas deixem de ser precisas, bastará que o vento sopra nas copas e vá encaminhando a caravela ao seu destino. É uma floresta que navega e se balanceia sobre as ondas, uma floresta onde, sem saber-se como, começaram a cantar pássaros, deviam estar escondidos por aí e de repente decidiram sair à luz, talvez porque a seara já esteja madura e é preciso ceifá-la. [...] Depois, mal o sol acabou de nascer, o homem e a mulher foram pintar na proa do barco, de um lado e do outro, em letras brancas, o nome que ainda faltava dar à caravela. Pela hora do meio-dia, com a maré, A Ilha Desconhecida fez-se enfim ao mar, à procura de si mesma. (SARAMAGO, 2007:61-62)



Mas essa busca por uma ilha ainda desconhecida assume um caráter menos existencial no romance do escritor italiano Umberto Eco – *A Ilha do Dia Anterior*, no qual o autor ensaia uma ficção sobre um tema tão caro aos navegantes: o cálculo preciso da longitu-

de, uma vez que, até se chegar a um resultado confiável, muitas terras novas eram descobertas, mas logo acabavam se perdendo, justamente pelas incorreções nesse cálculo (ECO, 1995: 9). Na história, o personagem Roberto Pozzo de San Patrizio embarca no “Amarilli”, provavelmente no ano de 1643, numa “secreta” missão rumo aos mares do sul, em busca do meridiano 180 e das Ilhas de Salomão, onde, supunha-se, encontrar-se-iam muitas riquezas.

Assim, atrás do segredo do chamado “Ponto Fixo” da Terra, no qual uma “...linha existe que, deste lado, o dia depois é; e, daquele lado, o dia anterior” (ECO, 1995: 258), e em busca do “mistério” da longitude, os personagens de Eco, numa trama curiosa e inteligente, também realizam, para os leitores, a importante descoberta de um dos tesouros mais valiosos para a história da navegação. Tanto que hoje já sabemos, por exemplo, que, graças à **iniciativa** e **tenacidade** de marinheiros e pesquisadores, o meridiano 180 passa pelas paradisíacas e (afortunadamente) **conhecidas** Ilhas Fiji, no Oceano Pacífico. (grifos nossos)



Meridiano de Greenwich



Ilha Taveuni, na República das Ilhas Fiji

A Longitude descreve a localização de um lugar na Terra, medido em graus, de zero a cento e oitenta, para leste ou para oeste, a partir do Meridiano de Greenwich. Diferentemente da latitude, que tem a linha do Equador como um marco inicial natural, não há uma posição inicial para marcar a longitude. Portanto, um meridiano de referência tinha que ser escolhido. Em 1884, por ocasião da “International Meridian Conference”, foi adotado o Meridiano de Greenwich como o meridiano mundial de referência.



Havaí – www.hawaiiivog.com

E algumas das reflexões sobre os rituais de sacração da(s) ilha(s) despertam uma curiosidade maior quando se referem a tempos e lugares mais próximos de nossa história; referências fortalecidas pelo testemunho de imagens impactantes, como as que destacaram para o mundo todo a conhecida Ilha de Oahu, no mais que localizado (e sonhado) arquipélago do Havaí.

A ilha poderia ter sido, até hoje, apenas um pedaço de terra abrigando uma das grandes bases navais dos Estados Unidos da América, não fosse a maciça e surpreendente investida da aviação japonesa, no fatídico 7 de dezembro de 1941.

Lançadas de suas “ilhas móveis” – os porta-aviões japoneses –, as aeronaves que atacaram Pearl Harbor não apenas saquearam os brios de um aguerrido país, como também fizeram a entrega petulante de um con-

vite para o embate de grandes proporções, e de longa duração, entre duas orgulhosas nações.



No entanto, passados os tempos, e desfeita a discórdia, o conflito acrescentou àquele pedaço da paradisíaca Ilha de Oahu o caráter sagrado da morada dos “heróis afortunados” de que falava Hesíodo. Sobre o navio USS “Arizona” afundado, e cuja sombra se

destaca nitidamente sob as águas límpidas da Baía de Pearl Harbor, ergue-se, hoje, um monumento – **altar/ilha** –, em homenagem permanente aos 1.177 “homens do mar” sacrificados naquele longínquo episódio.

Observe-se, portanto, que, de algum modo, para os nossos Aspirantes, fazer parte da história de um espaço reconhecidamente importante, na geografia da Terra ou da “alma marinheira”, também **consagra** a história particular de cada um deles.



Arizona Memorial - www.hawaiimagazine.com

Assim como a história de vida daquele avô marinheiro, contador de histórias, que, hoje, ainda entusiasmado, pode comemorar com seu jovem neto as mesmas conquistas no “solo sagrado” de uma moderna e tradicional Villegagnon.



Ilha de Villegagnon - pt.wikipedia.org

BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1983.
- CHEVALIER, Jean. *Dicionário de Símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.
- ECO, Umberto. *A Ilha do Dia Anterior*. Rio de Janeiro: Record, 1995.
- GUIMARÃES, Tenente Ricardo dos Santos. Construções históricas da Ilha de Villegagnon. *Navigator* n. 2/ 2005 (Art. 1).
- MARINHA DO BRASIL. *Voga para os Oficiais da Escola Naval*, 2007.
- MEIRELES, Cecília. *Ilusões do Mundo* (crônicas). Rio de Janeiro: Nova Aguilar S.A., 1976.
- SARAMAGO, José. *O Conto da Ilha Desconhecida*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- STEVENSON, Robert Louis. *A Ilha do Tesouro*. Trad. Duda Machado. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1997.